



IMERSÃO E VIVÊNCIAS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ: aprendizagem através de metodologias ativas para uma educação inclusiva e de valorização da cultura afro-brasileira

Marcela Conceição da Silva Sena Telles¹

RESUMO

Este artigo relata a experiência vivida no Terreiro de Candomblé Ilê Axé Ojuomi, situado no bairro do Ibura, Recife/PE, por meio da imersão proporcionada pelos professores Dr. Marcos Barros e Dr. Ivanildo Carvalho durante a disciplina "Metodologias, Aprendizagem e Educação das Relações Étnico-Raciais", dividida em dois blocos. O primeiro ocorreu nos dias 21, 22 e 23 de abril de 2023, e o segundo de 02 a 04 de junho de 2023. O texto investiga a interação entre terreiros de candomblé e metodologias de ensino, evidenciando a abundância de conhecimentos tradicionais, identidades, ancestralidade e culturas afro-brasileiras presentes nesse contexto. Destaca-se a valorização da diversidade e a necessidade de transcender os limites da sala de aula convencional. A vivência compreendeu a participação em aulas, apresentações culturais e visitas a escolas e terreiros, proporcionando uma compreensão mais profunda da história e dos saberes afro-brasileiros. Sobressai-se a importância de uma pedagogia que fomente o diálogo intercultural e reconheça as múltiplas influências e saberes presentes na sociedade brasileira.

1 INTRODUÇÃO

Cantarei a educação com respeito e compromisso com as aprendizagens que foram plantadas nessa terra por muitas e muitos que vieram antes — os que fazem junto essa travessia e os que irão confiar a zelação das defesas compartilhadas. Dessas aprendizagens foi feito um plantio que une diversos corpos, memórias e saberes. Um roçado de esperanças que semeia nesse chão a aposta da educação como prática que tem como principal tarefa responder de forma responsável às injustiças produzidas pelo contínuo colonial (Rufino, 2021, p.7).

Embora existam poucos estudos acadêmicos sobre a relação entre terreiros de candomblé e as metodologias de aprendizagem, é possível encontrar referências que abordem práticas educativas nesse contexto.

No terreiro, é possível identificar a riqueza de conhecimentos tradicionais, a formação de identidades, a importância da ancestralidade e da valorização das culturas afro-brasileiras, incluindo o candomblé como um espaço de conhecimento e



de aprendizagem. Vale ressaltar que a vivência direta e o diálogo com praticantes do candomblé também são fundamentais para compreender plenamente essa pedagogia. Para Rufino (2021), não se faz educação sem que exista experiência, linguagem, diálogo, dúvida, crítica, diversidade e liberdade. Ele afirma que a educação tem como fundamentos básicos a alteridade, a ética e o caráter de inconclusão dos seres. Assim, todos esses aspectos são também princípios do orixá, de forma que podemos pensar no santo como um modo educativo.

O que são os seres para Exu se não pedras que atravessam o tempo e diante da colisão com os outros se transformam? A pessoa, para o orixá, é sempre algo múltiplo e inacabado que tem a dádiva de poder se postar na encruzilhada do mundo, catar o que está a passar e experimentá-lo como aprendizagem. O que é a pessoa para Paulo Freire se não aquele que tem a vocação ontológica de 'ser mais', romper com a lógica da subordinação que instaura a condição do oprimido e fazer da sua travessia no tempo um ato de amor e liberdade? (Rufino, 2021, p.35).

Nessa perspectiva, Rufino (2021) destaca ainda que nos Terreiros de Candomblé, a educação é vista como um processo que não envolve apenas o aprendizado de rituais e de práticas religiosas, mas também de desenvolvimento de valores éticos, da formação das identidade afrodescendente e do fortalecimento dos laços comunitários. Ele enfatiza a importância da ancestralidade, valorizando a memória e os saberes transmitidos pelos antepassados.

O autor inicia seu livro Vence-demanda (2021), com dois conceitos importantes que iremos abordar neste trabalho:

EDUCAÇÃO | radical vivo que monta, arrebatada e alumbrada os seres e as coisas do mundo. Fundamento assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançado em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca. Encantamento de batalha e cura que nos faz como seres únicos de inscrições intransferíveis e imensuráveis. Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade.

DESCOLONIZAÇÃO | atos paridos nos vazios daquilo que se arroga o único curso possível. Defesa, ataque, ginga de corpo, malandragem que contraria, esculhamba, rasura, transgride, desmente e destrona o modelo dominante. Folha que se canta para extrair o remédio e o veneno. O remédio para recuperar sonhos, firmar a liga, fechar o corpo, irmanar o velho e o novo que farão guarda de proteção à palmeira que sustenta a aldeia. Veneno para azeitar o ferro, soprar pó e fumaça que quebram a maldição. Prática cotidiana implicada com a



diversidade e o caráter ecológico das existências. Capacidade de responder com vida a um sistema de mortandade. Atos guerreiros que honram e comungam das aspirações de liberdade e justiça, e combatem o esquecimento. (Rufino, 2021, p. 05)

É a partir dessa visão que irei sulear esse trabalho, pois neste relato de experiência serão compartilhados os desafios, as descobertas e as experiências que vivenciei e enriqueceram meu entendimento sobre o poder da diversidade, a importância do respeito mútuo e a necessidade de valorizar e proteger as tradições culturais que moldam nossa sociedade.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

2.1 Antecipação

A proposta da disciplina “Metodologias, Aprendizagem e Educação para as Relações Étnico-Raciais” foi uma imersão no Terreiro de Candomblé Ilê **Axé Ojuomi**, localizado no bairro do Ibura, Recife/PE, a fim de vivenciarmos, no chão do terreiro, uma experiência que jamais teríamos frequentando, se tivéssemos apenas a sala de aula tradicional.

Inicialmente, os professores Dr. Marcos Barros e Dr. Ivanildo Carvalho criaram um grupo de *whatsapp* para uma comunicação mais imediata com e entre os estudantes do mestrado matriculados na disciplina, espaço que pudemos trocar informações importantes e criar uma comunidade de prática. De imediato, fomos provocados a nos apresentar no grupo, a partir de um vídeo, com o desafio de quem enviasse o primeiro e o último vídeo, ganharia um prêmio. Assim, seguimos nos comunicando dia a dia até chegar o encontro presencial no Terreiro.

Os recursos tecnológicos foram bastante explorados na antecipação da disciplina e além do *whatsapp*, usamos *e-mail*, formulários, *drive*, *collabits*, *instagram* e *docs online*. A comunicação foi bastante efetiva e chegou por vários canais para que ninguém se perdesse.

No texto indicado pelos professores para leitura, **decolonising educational technnology** (2022), de John Traxler, fala da importância do uso das tecnologias na educação, permitindo que os estudantes tenham acesso a diversos recursos



tecnológicos para favorecer a aprendizagem, desde que esse uso seja feito de forma consciente, para não reproduzir as desigualdades.

Antes do nosso encontro presencial, também fomos provocados a ler a obra **Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollos otros** (2017), de Catherine Walsh e achei a leitura muito pertinente e instigante. Uma das frases que mais me chamou atenção foi que a pedagogia decolonial é uma compreendida de “outra forma”, ela explica:

refiro-me a diferentes modos de ser, pensar, sentir, saber, perceber, fazer e viver em relação, que desafiam a hegemonia e a universalidade do capitalismo, a modernidade eurocêntrica e a lógica civilizacional ocidental, incluindo o seu antropocentrismo e os seus fundamentos binários. Como vim a reconhecer e entender, o outro modo é o que existe nas fronteiras, bordas, fissuras e rachaduras da ordem colonial moderna. É o que continua a ser (re)formado, (re)constituído, (re)formado, contra e apesar da colonialidade.

Nesse sentido, Traxler (2022) afirma que:

não é “integração” ou simplesmente a inclusão simbólica das conquistas intelectuais de culturas não-brancas. Ao contrário, envolve uma mudança de paradigma de uma cultura de exclusão e negação para a criação de espaço para outras filosofias políticas e sistemas de conhecimento. É uma mudança cultural para pensarmos amplamente sobre por que o conhecimento comum é o que é e, ao fazê-lo, ajustar as percepções culturais e as relações de poder de maneiras reais e significativas.

Levamos isso em consideração e a relacionamos às metodologias ativas, à inovação pedagógica, ao uso das tecnologias educacionais e à pedagogia decolonial, a partir do entendimento de uma educação inclusiva, libertadora e crítica, que colocando o estudante no centro do processo de aprendizagem, considerando as suas vivências, reconhecendo e valorizando a diversas cultural.

2.2 Primeiro bloco da disciplina Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais

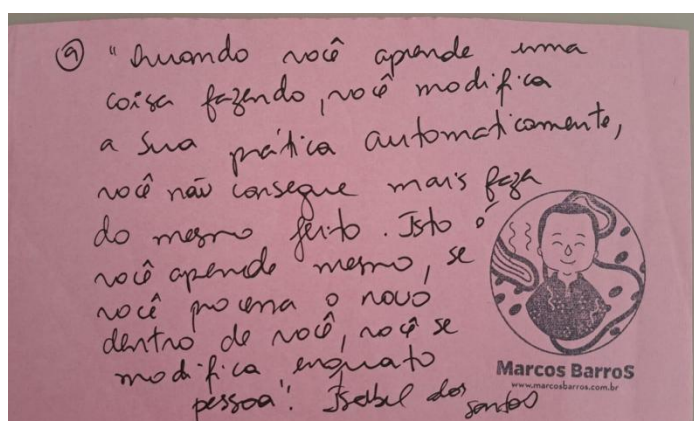
O encontro presencial no Terreiro com os mestrandos aconteceu dia 21/04. Fomos recepcionados por Dario e pelos professores Dr. Marcos e Dr. Ivanildo em



uma sala de aula encantadora, acolhedora e preparada com todo capricho.

O professor Marcos Barros iniciou a aula com muitas provocações sobre o conteúdo a ser trabalhado. Tivemos uma conversa com música, fizemos a leitura de trechos do livro de Izabel dos Santos, além do folheto do DVD do Afoxé. Tudo pensado com carinho, inclusive os trechos do livro de Izabel dos Santos (2002) escritos à mão, cada detalhe pensado com intencionalidade.

Imagem 1 - Recortes sobre Izabel dos Santos



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.

Imagem 2 - Capa do Cd do Omó Nilé Ogunjá



Fonte: Arcevo da disciplina, 2023.

Tivemos também a presença do Reitor da UFPE, Professor Dr. Alfredo Gomes e da Pró-reitora das Relações Étnico-raciais, Ceça Reis, reforçando a importância de



ocuparmos outros espaços, ultrapassando os muros da Universidade para aprendermos com quem realmente tem propriedade para falar sobre a pauta do racismo e das relações étnico-raciais. Além disso, contamos com a presença do Preletor da sede internacional da **Seicho-No-Ie**, Carlos Alberto da Silva, trazendo uma bela reflexão sobre amor, igualdade e fraternidade.

À tarde, o Professor Ivanildo Gomes trouxe uma fala muito pertinente, fazendo-nos refletir sobre o lugar que a pedagogia assume na perspectiva decolonial, resgatando o texto de Catherine Walsh:

(...) e tive a necessidade de ver, de reler toda a obra do Paulo de novo, agora de outro contexto, de outro território e outro lugar, pensando com ele, mas também para além dele. Então, quero compartilhar com vocês um pouco disso, o que eu levo do Paulo? mas também por que Paulo não é suficiente? Por que a pedagogia crítica não é mais suficiente? O que queremos dizer com pedagogias descoloniais? (Walsh, 2017, p.60).

E a parte da apresentação que mais me chamou atenção foi um trecho do livro de Catherine Walsh em que ela aponta a relação e a diferença entre Paulo Freire e Frantz Fanon:

Refletir sobre a relação e a diferença entre Paulo e Frantz Fanon é importante para definir como estou entendendo a diferença entre pedagogias críticas e pedagogias que perspectivam ou pensam através de rachaduras ou fissuras descoloniais. **Para Paulo**, o elemento central era o epistemológico, como conhecemos a realidade em que vivemos e como fazemos essa leitura a partir do conhecimento.(...)

Para Fanon, o problema era o ontológico, o existencial e o racial. Um pensar e agir a partir da racialização, da desumanização e da ferida corporal colonial, no seu caso, vivida. (Walsh, 2017, p.62)

Embora existam diferenças na abordagem de Freire e de Fanon, ambos compartilhavam uma preocupação com a libertação dos oprimidos e a transformação das estruturas opressoras. Ambos enfatizaram a importância da conscientização e da ação como ferramentas para a emancipação, embora suas visões sobre o tipo de ação necessária possam divergir.

E para fechar o dia com chave de ouro, tivemos oficina de dança com Wagner e percussão com Dario e os integrantes do Afoxé. Foi lindo de viver!



Imagem 3 - Registros da aula do dia 21/04/23



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.

No dia 22.04.2023, iniciamos o dia com o maravilhoso espetáculo de mamulengos “**MATEMÁFRICA: RAÍZES DO VOO DA SANKOFA E A POTÊNCIA DO BOI-BUMBÁ**”, apresentado pelos estudantes do mestrado que participam do Projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como também ao curso de Matemática Licenciatura da UFPE, Campus Agreste e ao Grupo **Aya-Sankofa**, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM-UFPE) com o Professor Ivanildo Gomes.

Essa apresentação nos trouxe várias informações sobre as origens da matemática. O espetáculo volta ao berço da humanidade, a África, e mostra que é fundamental compreender a história da matemática para iniciar o processo de retomada dos conhecimentos, demarcando e valorizando os conhecimentos



desenvolvidos por diversos povos no mundo. No teatro de mamulengos, ouvimos sobre as pirâmides, os papiros, o relógio egípcio, sobre a sona, desenhos matemáticos do povo *Tshokwe*, símbolos *Adinkras*, jogo mancala e a matemática das tranças. Tudo isso de forma lúdica, leve e bem humorada, mas com uma mensagem profunda, mostrando a importância dos conhecimentos ancestrais.

Imagem 4 - Registros da apresentação do teatro de mamulengos com o espetáculo “MATEMÁFRICA: RAÍZES DO VOO DA SANKOFA E A POTÊNCIA DO BOI-BUMBÁ”



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.

No segundo momento da aula da manhã, os professores Marcos Barros e Ivanildo convidaram representantes de quatro escolas do Ibura para que eles pudessem apresentar as instituições. O objetivo dos professores foi o de nos dividirmos em grupos para que pudéssemos vivenciar, no chão das escolas, a experiência que não teríamos apenas em sala de aula. Inclusive, os professores explicaram que o trabalho final seria desenvolver um projeto em grupo para a escola escolhida, tendo como base as relações étnico-raciais.

Tivemos a apresentação dos representantes das escolas Lagoa Encantada e Professor Jordão Emereciano. A gestora do EREM Dom Sebastião Leme não compareceu e o SESI do Ibura foi representado pela estudante, Yalodê, filha de Dario.

À tarde fomos visitar o Terreiro de Xambá e fomos recebidos por um membro da casa, que nos acolheu e nos contou um pouco sobre a história do Terreiro, que teve início em fevereiro de 1928 com a lalorixá Maria das Dores da Silva, em Campo Grande. Ele contou que o candomblé, assim como outras religiões de matrizes africanas, foi historicamente alvo de discriminação e perseguição. Só a partir de julho



de 1978 que o Governo do Estado de Pernambuco sancionou a lei Nº 7669, isentando de licença a prática de cultos Afro-Brasileiros.

A visita ao Terreiro de Xambá, assim como participar de uma disciplina de mestrado dentro do Ilê **Axé Ojuomi**, foi uma experiência enriquecedora, pois nos oportunizou conhecer e compreender uma religião que desempenhou um papel significativo na formação da identidade cultural brasileira, bem como a oportunidade de desconstruirmos os preconceitos e os estereótipos estabelecidos pela sociedade.

Em seu livro **Pedagogia das Encruzilhadas** (2019), Rufino enfatiza a importância de uma educação que promova o diálogo intercultural, a valorização da diversidade e a superação dos preconceitos e dos estereótipos. Ele defende que a “pedagogia das encruzilhadas” deve incorporar práticas pedagógicas em que os alunos conheçam e reconheçam suas próprias histórias, bem como a história e os saberes de outros grupos culturais.

Diante desse contexto, comenta:

Torna-se necessário, dessa forma, invocarmos as sabedorias ancestrais, porque, ao emergirem, ao serem manifestadas como práticas de saber, elas trazem as presenças daqueles que compõem junto conosco os giros dessa canjira espiralada que é a vida. A invocação da ancestralidade como um princípio da presença, sabere comunicações é, logo, uma prática em encruzilhadas. Afinal, a própria noção de encruzilhada é um saber praticado ancestralmente que aqui é lançado como disponibilidade para novos horizontes que reivindicam a sofisticação de um mundo plural, pujante e vigoroso, contrário e combativo ao desencanto do mundo. (Rufino, 2019, p.15).

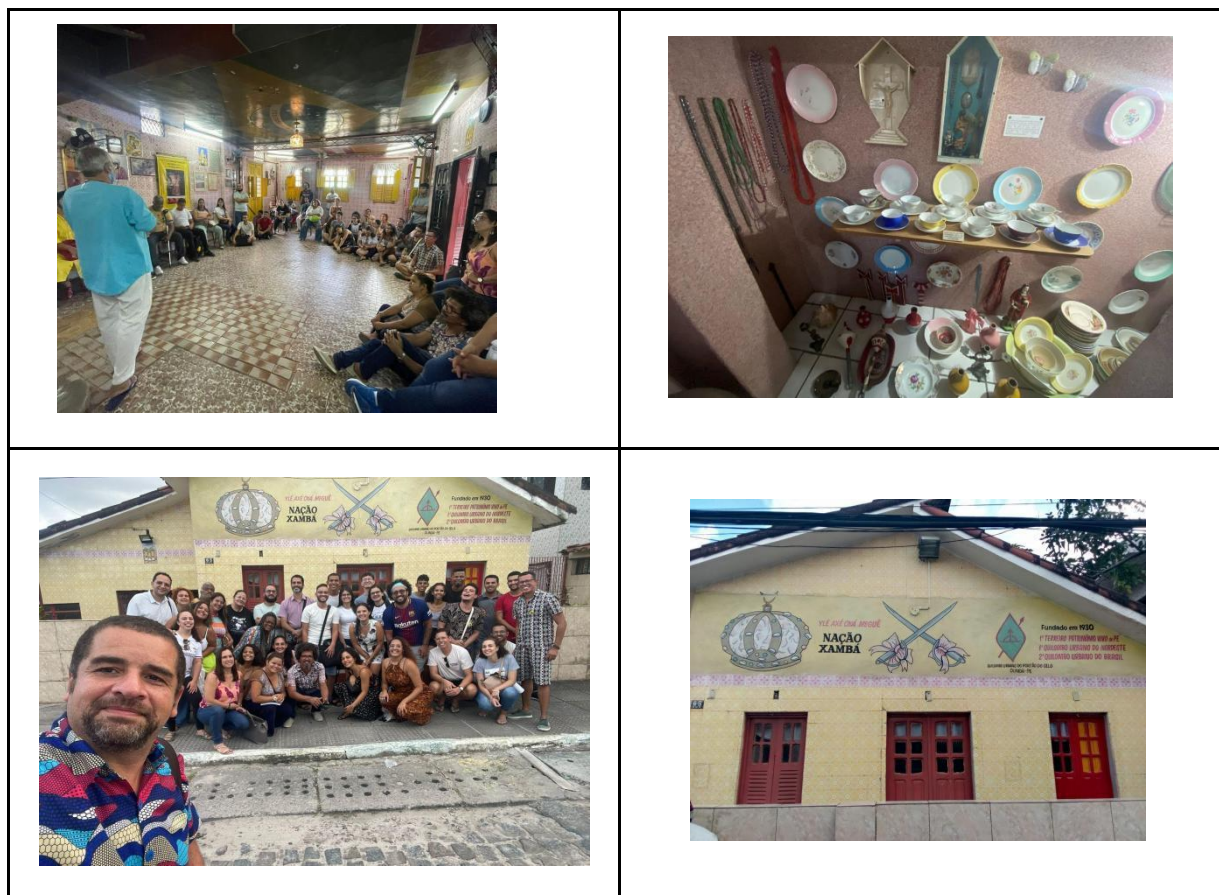
O termo "encruzilhadas" é utilizado por Rufino para representar os diversos caminhos, pontos de encontro e intersecções presentes na realidade social e cultural brasileira. Segundo ele, essas encruzilhadas são espaços de múltiplas influências e saberes, onde diferentes culturas, tradições e conhecimentos se encontram, dialogam e se transformam mutuamente.

Essa pedagogia propõe que a educação deve ser pensada, a partir desses pontos de encontro, reconhecendo e valorizando as múltiplas formas de conhecimento presentes na sociedade. Nessa abordagem, a cultura afro-brasileira ocupa um lugar central, pois representa uma das principais raízes da formação da



identidade e da cultura brasileira.

Imagem 5 - Registros da visita ao Terreiro de Xambá.



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.

O dia 23 de maio de 2023 foi o encerramento do primeiro bloco da disciplina, porém por questões pessoais devidamente comunicadas ao professor Marcos Barros, não pude participar.

2.3 Preparação para a vivência nas escolas

Eu escolhi participar do grupo que iria realizar as atividades no SESI do Ibura. Os integrantes desse grupo foram: Augusto, Daianny, Dario, Davi, Déric, Eduardo, Luciana, Marcela, Mauro, Mikaelly e Nícolas. Entre o primeiro e o segundo bloco,



criamos um grupo do *whatsapp* e fizemos várias reuniões via *google meet* para conversarmos, planejarmos e alinharmos a nossa ida à escola dia 02/06/23. Alguns integrantes do nosso grupo foram com antecedência para conhecer o espaço do SESI, saber o número de salas, de turmas e os espaços que poderíamos ocupar.

Entre muitas reuniões e várias ideias decidimos apresentar aos estudantes um vídeo de um experimento feito com bonecas pretas, brancas e crianças, com uma mensagem muito forte sobre o racismo. Pensamos ainda em fazer o jogo do “privilegio branco” que é uma atividade educativa, um exercício de conscientização que ajuda as pessoas a entenderem os privilégios e as vantagens sociais que os brancos têm em comparação com as pessoas de outras raças ou etnias. O jogo envolve uma série de afirmações ou situações nas quais os participantes são solicitados a dar um passo a frente ou atrás, seguindo algumas marcações com fitas no chão. A partir dessas afirmações as pessoas passam a refletir sobre como suas vidas são afetadas, positivamente ou negativamente, por causa da branquitude.

Em nossas reuniões conseguimos elaborar as frases do jogo do “privilegio branco”, abordando diferentes aspectos da vida cotidiana, como educação, emprego, interações com a polícia, acesso a serviços, entre outros. Elaboramos também as perguntas dos formulários para coleta de dados dos professores, dos estudantes e da diagnose escolar. Decidimos, em trios, fazermos as apresentações nas salas de aula. Um dia antes da vivência, alguns integrantes do grupo foram até o SESI para preparar e organizar o espaço. Elaboramos o seguinte roteiro (Sesi dia 02/06/2023):

- 1.Apresentação - “Quem sou, de onde venho, porque estou aqui e para quê”;
- 2.Aplicação do formulário do estudante, colocar *QRCode* impresso na parede das salas. (Enquanto um aplica o questionário, os outros organizam a sala para o jogo.);
- 3.Apresentação do vídeo das bonecas;
- 4.Reflexão/conversa sobre o vídeo;
- 5.Jogo do privilegio branco;



6. Reflexão/conversa sobre o jogo;
7. Encerramento;
8. Raio X da escola.

2.4 Segundo bloco da disciplina Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais

02 de junho de 2023 foi o dia da vivência no SESI Ibura. Ao chegarmos à escola, identificamos que precisaríamos mudar algumas estratégias que havíamos pensado, devido à logística e ao tempo para atender todas as turmas. Decidimos passar os vídeos e realizar o jogo do “privilégio branco”, no mesmo lugar, juntando de duas em duas turmas no auditório Ariano Suassuna, ou seja, não iríamos em trios até as salas de aula como havíamos programado.

Mas conseguimos realizar tudo que foi planejado, mesmo mudando as estratégias. Todo o nosso grupo ficou junto e fomos nos revezando nas apresentações. Colamos várias cópias do *QRCode* do formulário dos estudantes na parede para facilitar o acesso. O formulário dos professores, enviamos ao coordenador, que replicou no grupo do *whatsapp* dos profissionais da escola. Nos apresentamos, os estudantes responderam ao formulário, em seguida passamos o vídeo, fizemos o jogo do “privilégio branco” e encerramos com uma reflexão sobre o racismo. Assim fizemos com todas as turmas. A experiência foi bem recepcionada pelos estudantes e pelos professores. No jogo, os participantes foram convidados a refletir sobre como os brancos possuem certas vantagens, muitas vezes invisíveis ou inconscientes, que não são experimentadas pelas pessoas de outras etnias. O nosso objetivo foi o de promover a conscientização e o diálogo sobre o racismo, mostrar a existência desses privilégios e como eles podem perpetuar desigualdades raciais na sociedade.

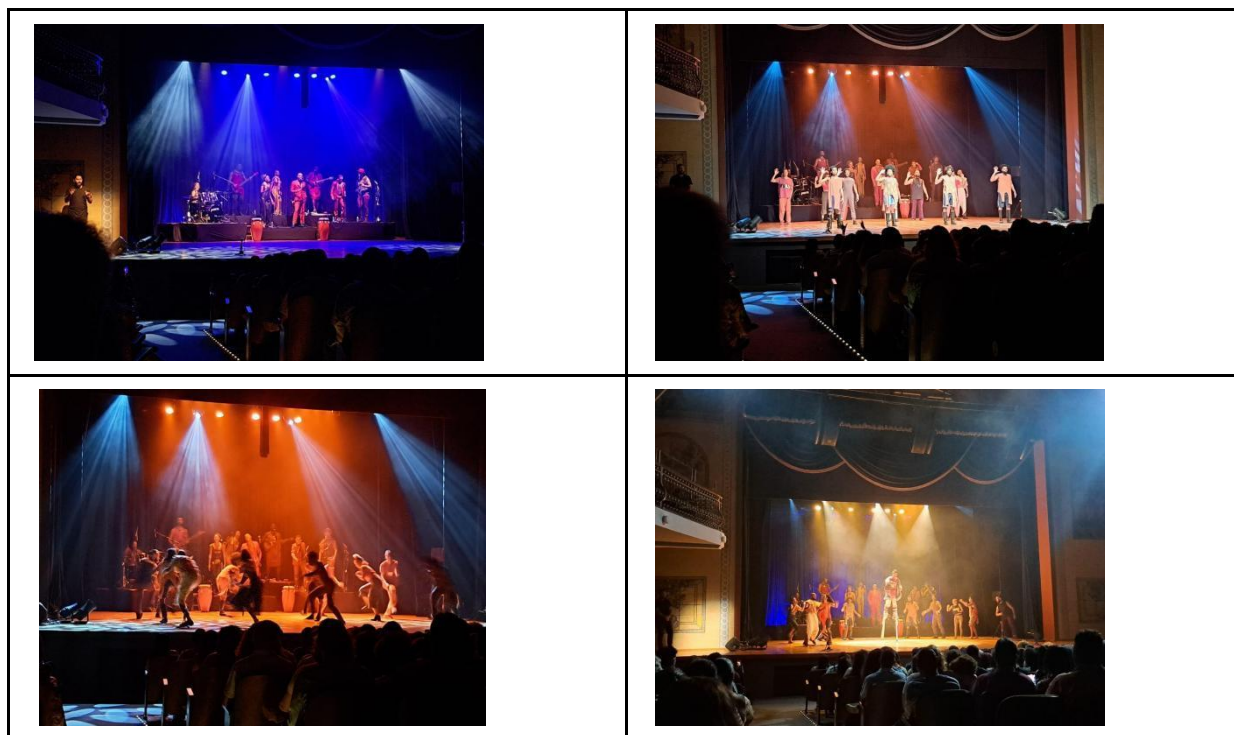
Encontramos alguns fatores críticos nas estratégias pensadas por nós, pois tivemos estudantes com necessidades educacionais específicas que participaram da vivência e não havíamos pensado em adaptações que os contemplassem. Porém,



conseguimos, dentro das nossas possibilidades, fazer alguns ajustes, na hora, para atender essa demanda. Além disso, as fitas coladas no chão para o jogo do “privilégio branco”, também se tornaram um problema, pois levamos mais de uma hora para retirar, nos levando a refletir sobre a importância de pensar nos recursos que iremos utilizar em nossas dinâmicas no cenário educacional. Mas, tudo foi válido e nos serviu de aprendizado e experiência para as próximas oportunidades.

Ainda, no dia 02/06/23, conseguimos ingressos através da Secretaria Executiva de Juventude do Recife para participar do espetáculo **Prot{Agô}nistas - O Movimento Negro no Picadeiro**. A apresentação foi no Teatro do Parque e misturou circo, música e dança, contando com 21 artistas negros para falar sobre a potência, a história e a resistência do povo negro.

Imagem 6 - Registros do espetáculo **Prot{Agô}nistas**



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.

A aula foi no próprio teatro, e a partir da encenação, pudemos nos deparar com a realidade nua e crua do racismo estrutural. Situações que por vezes parecem



banais e passam despercebidas por nós no dia a dia, mas só sente, literalmente na pele, quem passa.

Assistindo a esse espetáculo, em uma das cenas onde um preto é morto por ser preto, lembrei-me de uma frase de Fanon que diz:

Não percam tempo em litanias estéreis ou em mimetismos nauseabundos. Deixemos esta Europa que não pára de falar do homem ao mesmo tempo em que o massacra por toda parte em que o encontra, em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todos os cantos do mundo. Há séculos... que em nome de uma suposta aventura espiritual, ela sufoca a quase totalidade da humanidade. (Fanon, 2005, p. 25)

Pudemos observar na apresentação da peça, o aspecto fundamental do racismo estrutural que é a maneira como ele se torna invisível e internalizado nas estruturas e instituições da sociedade. Muitas vezes, as políticas e práticas que perpetuam a desigualdade racial são consideradas normais ou neutras, mas na realidade, elas mantêm e reproduzem a opressão racial de forma sistemática. (Almeida, 2019)

No dia 03 de junho de 2023, iniciamos a aula do dia 03 de junho com uma provocação do Professor Marcos Barros em que ele propôs uma gincana. O desafio era encontrar, nas ruas próximas ao Terreiro, algum(a) estudante das escolas em que realizamos as vivências, no caso do nosso grupo, um(a) estudante do SESI Ibura para dar um depoimento sobre as ações voltadas para as relações étnico-raciais realizadas na instituição.

Também, recebemos a tarefa de apresentar ao grande grupo a ação realizada no SESI, para compartilhar com nossos colegas a experiência e os desafios. Nossa equipe se dividiu em dois, pois uma parte ficou preparando a apresentação e a outra foi à procura do(a) estudante do SESI, nas proximidades do Ilê **Axé Ojuomi**. Conversando com a comunidade, perguntando aos vizinhos, encontramos uma estudante que morava na mesma rua da Sede do Afoxé e que havia, inclusive, participado da nossa ação no dia anterior.



O depoimento dos alunos nos trouxe várias reflexões acerca da realidade das instituições de ensino, dessa pedagogia que ainda oprime, exclui e não dá espaço à diversidade cultural, racial e religiosa. Mostrou a outra face da moeda e nos transportou para uma realidade que nenhum livro poderia ensinar.

Na Pedagogia do Oprimido (2011), Paulo Freire desenvolve sua teoria da educação libertadora, que tem como objetivo central a transformação da realidade social por meio da conscientização e da ação coletiva. Ele critica a educação tradicional na qual o conhecimento é depositado passivamente nos alunos, sem considerar suas experiências, necessidades e contexto. Freire (2011), defende uma educação que promova a conscientização crítica, estimulando os estudantes a refletirem sobre sua realidade, a identificarem as estruturas de opressão e a se engajarem na luta por sua própria libertação. A partir dessa leitura crítica da realidade, os estudantes são encorajados a se tornarem sujeitos ativos na transformação social.

Imagem 7 - Registros da manhã do dia 03/06/23.



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.



A aula do dia 03/06 foi cheia de emoção, depoimentos e trocas. Após o almoço, dois grupos compartilharam as vivências nas escolas, falando sobre a experiência e os desafios de abordar a temática das relações étnico-raciais na educação.

Contamos ainda com a presença da lalorixá Janyelle trazendo seus saberes ancestrais, relatando suas histórias e falando sobre suas práticas e rituais. Além disso, a “Coletiva Periféricas” também esteve presente para falar sobre as vivências do grupo. Essa troca de saberes e experiências na aula foi um momento enriquecedor, pois promoveu aprendizado e ajudou na construção coletiva do conhecimento.

Imagem 8 - Registros da da presença da lalorixá e do Coletiva Periféricas



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.

O dia 04 de junho de 2023 foi o último dia da imersão no Ilê **Axé Ojuomi**. Iniciamos a aula fazendo um resgate do que foi vivenciado na disciplina. Quando começamos a escrever todas as estratégias, todas as metodologias que foram utilizadas nas aulas, pudemos observar a riqueza dessa experiência. Ultrapassar os muros da Universidade e levar uma turma de mestrado para entender as relações étnico-raciais na educação dentro de um terreiro de Candomblé, foi sem dúvida um ato de coragem dos professores Marcos e Ivanildo.



Nesse contexto, é importante refletir que boa parte das instituições está organizada de forma que os alunos fiquem em uma postura passiva, sem considerá-los como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. A escola, as universidades, acabam reproduzindo modelos e formatos antigos, não promovendo mudanças significativas, em contradição com o período de pleno desenvolvimento tecnológico em que estamos vivenciando nos dias atuais. (Antunes; Abreu; Padilha, 2016).

Para Moran (2015, p. 19):

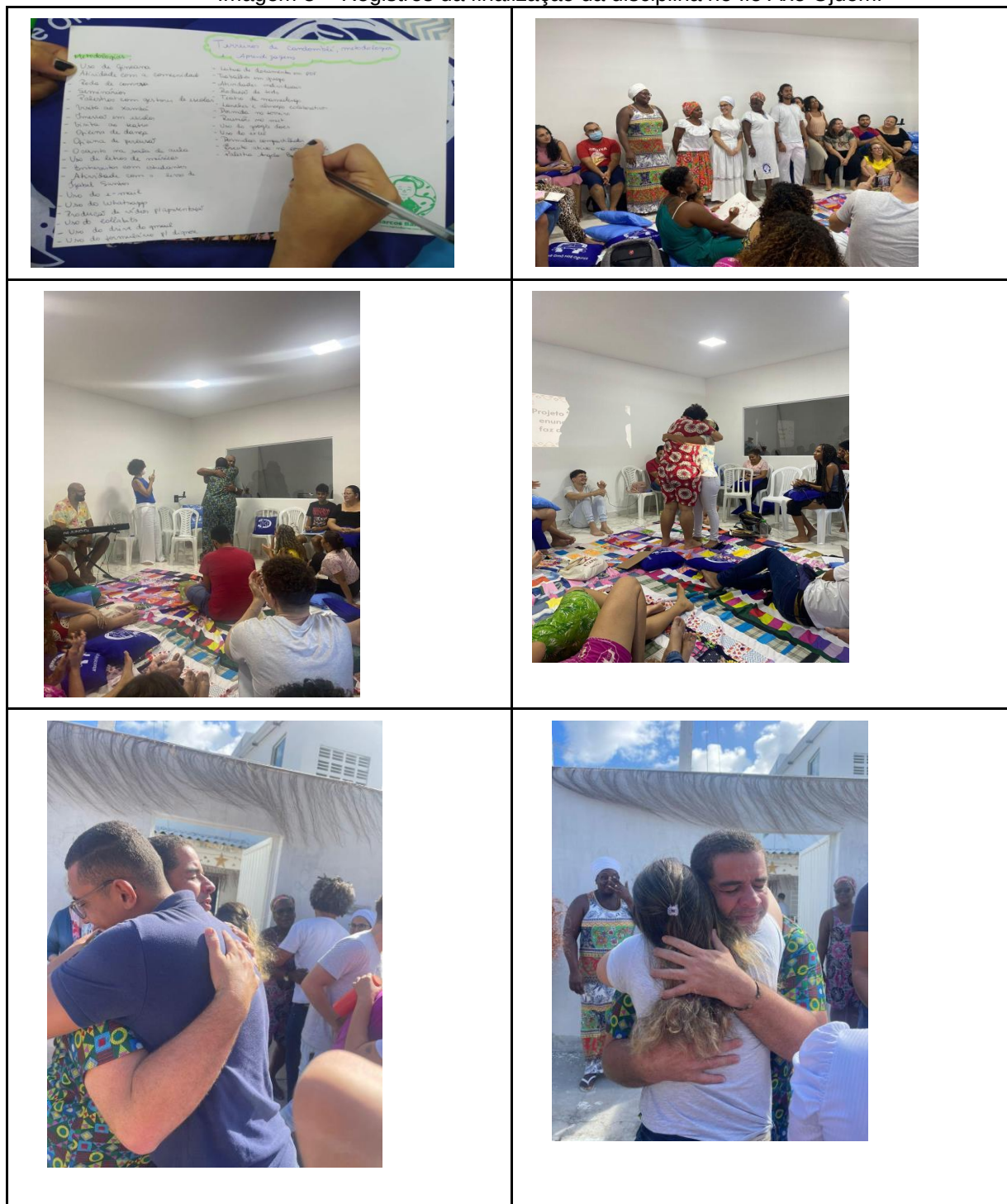
as escolas que nos mostram novos caminhos estão mudando o modelo disciplinar por modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras, combinando tempos individuais e tempos coletivos; projetos pessoais e projetos de grupo. Isso exige uma mudança de configuração do currículo, da participação dos professores, da organização das atividades didáticas, da organização dos espaços e tempos.

Essa fala de Moran (2015) retrata exatamente tudo o que vivenciamos na disciplina Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-Raciais. Uma disciplina disruptiva que rompe com os métodos tradicionais de ensino, propondo novas formas de aprendizagem e engajamento dos alunos, estimulando a criatividade, o pensamento crítico, a resolução de problemas e a inovação.

Dessa forma, concluímos a disciplina com a apresentação dos dois últimos grupos falando sobre suas experiências nas escolas e com o depoimento de mais uma estudante do EREM Professor Jordão Emerenciano. Por fim, os integrantes do Afoxé fizeram uma apresentação emocionante em que foi difícil conter o choro. Foi lindo de viver!



Imagem 8 - Registros da finalização da disciplina no Ilê Axé Ojuomi



Fonte: Acervo da disciplina, 2023.



2.5 Após a imersão

Após o encerramento do segundo bloco da disciplina, os grupos continuaram se reunindo para construir o projeto a ser desenvolvido para cada escola. Além disso, também recebemos a tarefa de elaborarmos um trabalho individual de formato livre, utilizando o embasamento teórico dos textos indicados para leitura.

O nosso grupo, após várias reuniões e discussões, desenvolveu um projeto para o Sesi do Ibura em formato de Festival.

Conforme o Innovating Pedagogy (2014), datas comemorativas, eventos, tanto os que moldam nossa identidade pessoal, quanto os que se referem às pessoas em geral, como festivais, feriados, fornecem ganchos importantes para a aprendizagem, pois essas experiências vivenciadas são as que mais ficam registrados na memória, na vida, conectando as pessoas à essência e à história por trás de uma celebração.

Quando aprendemos sobre as origens de nosso país ou um festival anual, sabemos que estamos fazendo isso ao mesmo tempo que milhares de outros e nos beneficiamos dos recursos que são prontamente disponíveis nestes momentos. Há também uma sensação de antecipação enquanto nos preparamos para construir ou desafiar o que aprendemos em ocasiões semelhantes no passado (Innovating Pedagogy, 2014, p 26).

E assim finalizamos a disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-Raciais” que foi encantadora e nos provocou o tempo inteiro a romper com a rigidez e a passividade do ensino tradicional, buscando criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, participativo e significativo.

O que achei mais interessante foi a forma de como a disciplina foi conduzida, regada com muito afeto, acolhimento e cuidado em todos os detalhes.

Para La Torre (2019, p.40),

professores são semeadores. "Semeamos com nossas palavras, gestos, crenças, valores, convicções, exemplos, mas não sabemos onde essa semente cai, nem em quem germinará e florescerá. Mas eu tenho a convicção que nossa missão é polinizar valores humanos, sociais, ambientais e transcendentais."

Nas vivências da disciplina, nos deparamos, de forma direta ou indireta, com Catherine Walsh, Jhon Traxler, Paulo Freire, Jean Piaget, Vygotski, Saturnino La



Torre, José Moran e tantos outros estudiosos ou teóricos necessários para construir uma base sólida que nos fortalece e nos credencia em nossa prática pedagógica.

Isso mostra que podemos fazer diferente sim, amparados pela ciência e conduzidos pelo amor. A magia, o encantamento, a inovação, a gratidão, podem estar presentes na sala de aula de forma intencional para construirmos saberes muito mais profundos, enraizados na história de cada aluno que passa por essa experiência.

3 REFLEXÃO

Estudar as relações étnico-raciais na educação dentro de um Terreiro de Candomblé foi uma experiência única e inesquecível. Vivenciar de perto, compreender e reconhecer as desigualdades históricas, estruturais e sociais enfrentadas por diferentes grupos étnico-raciais, me fez refletir sobre a importância de criarmos mais espaços para discutirmos e defendermos uma educação antirracista, plural e inclusiva.

É necessário e urgente desenvolver ações e políticas educacionais que visam eliminar o preconceito, a discriminação e a exclusão racial. Isso implica repensar currículos, metodologias e formas de avaliação que considerem as perspectivas e vivências dos diferentes grupos étnico-raciais, evitando estereótipos, preconceitos e discriminações.

A sociedade é plural e diversa, e a educação desempenha um papel importante na preparação dos estudantes para o diálogo intercultural, empatia e o respeito às diferenças. A escola, as Universidades precisam formar cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com a construção de um mundo mais inclusivo e igualitário.



Imagem 9 - Registro do momento final da disciplina



Fonte: Acervo da disciplina, 2023

“Não basta catar a folha, é preciso saber cantá-la”. Para cada uma delas que brota, um trato. Com o devido pedido de licença aos moradores do lugar, a folha se cata, macera, seca, queima, e se sopram palavras de força que despertem o que nela habita. As folhas nos ensinam, porém havemos de silenciar profundamente para ouvi-las. Encapsulados em um tempo do quebranto, assediados pelo olho grande e pela obsessão dos agentes contrários à vida, o que nos resta é nos munirmos de repertórios guerreiros. É possível afugentar o assombro, invocar espiritualidades que façam minguar as forças da demanda cuspidas por bocas assassinas? Sim, é possível. A aposta está na educação, que é aqui lida como força de batalha e cura. Esse caráter duplo riscado nessas folhas, ao ser despertado pelo hálito e pelo ritmo do diálogo, saltará feito encantaria que dá corpo e caminho para a invocação de outros atos. Ao longo do folhear, serão despertadas sensações de cisma, implicação, rebeldia, amor, fúria e liberdade. (Rufino, 2021, p. 05)



4 AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos Professores Marcos Barros e Ivanildo Carvalliho pela coragem de lutar por uma educação antirracista, por romper com os padrões da educação tradicional e por todo cuidado com que a disciplina foi pensada e preparada. Agradecer aos membros do Ilê **Axé Ojuomi**, pelo acolhimento e receptividade, pelo cuidado e carinho com que fomos recebidos. Agradecer aos colegas de turma, por todas as trocas e experiências que passamos juntos. A todos os convidados, aos estudantes que toparam o desafio de darem seus depoimentos e aos envolvidos, direta ou indiretamente, para a realização dessa disciplina maravilhosa e inesquecível. Gratidão profunda!

REFERÊNCIAS

- ALBÁN ACHITE, Adolfo et al. **Convergencias y divergencias**: hacia educaciones y desarrollos "otros". Corporación Universitaria Minuto de Dios, 2017.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANTUNES, Ângela; ABREU, Janaina; PADILHA, Paulo; Organizadores - **A Escola dos meus Sonhos**. São Paulo : Instituto Paulo Freire, 2018. Disponível em : https://www.paulofreire.org/download/Escola%20dos%20meus%20sonhos-2018_Rv-03.pdf Acesso em: 04 jul. 2023.
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2011.
- Innovating Pedagogy 2014: **Open University Innovation Report 3**. Milton Keynes: The Open University.
- Livreto **MATEMÁFRICA** - Conhecimentos Matemáticos Africanos.
- MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção mídias contemporâneas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências didáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto PROEX/UEPG, 2015.



Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4941832/mod_resource/content/1/Artigo-Moran.pdf Acesso em 04 jul. 2023.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro : Mórula, 2019.

RUFINO, L. **Vence-demanda: educação e descolonização**, 1. ed. Rio de Janeiro : Mórula, 2021.

TRAXLER, John. **Decolonising Educational Technology**, 2022, no prelo.

ZWIEREWICZ, M.; SIMÃO, V. L.; SILVA, V. L. de S. **Ecopolinização de Professores em Escolas Criativas. Polinização Psicopedagógica**. Uniarp, 2019.